



PEYROTEO E DOUGALL, DUAS GRANDES FIGURAS DO ENCONTRO PORTUGAL-INGLATERRA

**MUNDO
GRAFICO**

Teatro de amadores na Inglaterra

O Teatro, na Grã-Bretanha, atingiu extraordinária popularidade, com a guerra. Antes do conflito, se bem que o cinema lhe tivesse conquistado muito terreno, manteve sempre, em Londres, elevado nível artístico. Na província, porém, a arte das imagens ocupava lugar de maior relevo.

A guerra modificou tudo. Tanto na América como na Inglaterra, com a mobilização de técnicos e actores, o cinema quase esteve paralizado ou produziu filmes de categoria inferior e o teatro passou a reocupar a sua antiga posição. Era necessário compensar o povo da Grã-Bretanha dos sacrifícios da guerra e formaram-se companhias que correm a ilha de Norte a Sul, não só de profissionais como de amadores. E assim é que se assiste, neste momento, ao verdadeiro renascimento do teatro e das gloriosas tradições da cena britânica. As imagens que damos nesta página são de algumas dessas companhias que, nem mesmo sob a chuva de bombas da Luftwaffe deixaram, uma noite que fôsse, de dar espectáculo, para que o povo heroico da Grã-Bretanha sentisse que a vida continuava, apesar de tudo, digna de ser vivida. Muitas vezes trabalharam, essas companhias, quando as bombas dos aviões inimigos caíam em redor. Mas nunca ninguém se lembrou, sequer, de interromper o espectáculo. Para quê? A vitória era certa!



Três figuras da eterna comédia do amor



Uma cena da ópera «Os Gondoleiros» interpretada por artísticos britânicos numa festa de caridade



Uma extraordinária fantasia cinematográfica: «À vida e a morte do coronel Blimp» que tem características teatrais

Uma linda revista-féerie inglesa: «As crianças perdidas na floresta», que se costuma representar no Natal

PARA V. EX.^{AS} MINHAS SENHORAS



Não há dúvida que o chapéu vai passar de moda. Os cabeleireiros-artistas fazem prodígios de imaginação para «modelar» os cabelos das mulheres, em requintes de graça e de elegância. Foi-se o pesadelo dos chapéus a preços astronômicos mas... vem a tragédia das astronômicas quantias para pagar estes prodígios de arte... capilar. Ora digam-nos as leitoras se estes três penteados, para a noite, são ou não maravilhosos de fantasia.

UMA NOVELA

Sob o Luar

de ARMIDA VIEIRA

Ele descia a longa avenida ladeada de arvoredo. A lua ia já alta e dir-se-ia debruçada espreitando-o carinhosamente. O luar era deslumbrante, límpido, de uma clareza transparente, divina.

Tudo era místico. Pelo céu espalhava-se uma doce magia e uma estrelinha, como sorridente, parecia segredar a felicidade do sonho.

Ele caminhava lento e cabalço. Aos seus loiros cabelos dava o luar um tom desconhecido.

O seu rosto, testado pelo sol nas longas horas de marcha, tinha uma expressão nobre. A suavidade, envoltiva numa deliciosa melancolia, habitava ali.

O olhar, o verdadeiro olhar de sonho, de ilusão, deixava transparecer uma recordação de amor.

Era assim o cavaleiro. Dir-se-ia perdido na noite que o envolvia e abraçava, para lhe segredar: — Somos um do outro. Tu és, afinal, quem sabe bem o que eu sou!...

O seu meio rosto resplandecia de momento a momento, espalhando-se nele uma felicidade sem limite. A paz da consciência tinha ali o seu berço.

A sua alma era, deserto, iluminada por estranha luz, tenue, do Intangível, e embalada na subtilidade de uma melodia perdida ao longe.

Eis que pára, serenamente. Ergue ao céu o límpido olhar; os seus lábios movem-se como numa prece; sorri e segue então, de olhar perdido...

Subitamente algo surge em sua frente impedindo-lhe a passagem: Um vulto que lhe pareceu enorme, um tanto curvado, segurando numa das mãos um bordão.

— Quem és? pergunta o vulto, em voz possante.

— Um cavaleiro que caminha. O velho, segurando o bordão com ambas as mãos, deixa que o queixo nelos descanse e ex-lama:

— Caminhar? para quê? ... Não sabes que não há mais do que isto: nascer, morrer!

— E viver, viver bem alto. Viver on Ideal!

— Ah! o sonho? E o mesmo que lama! Nada disso existe. Tu sonhas? Acorda! Domina-te! O não acordares será a tua ruína. A ilusão conduzir-te-á às profundidades de um abismo, onde nada verás. Tudo escuridão!...

— Adeus! — redarguiu o cavaleiro. — Ouve! — exclamou o ancião, batendo vigorosamente com o bordão no solo, os cabelos eriçados, as mãos crispadas, o olhar chamejante. — Ouve ainda! És cavaleiro, e de armas: bem o vejo. És, portanto, criminoso. Os teus sonhos não são puros. Cheiram a sangue. Tu representas o sonho negro... Este luar devia envergonhar-se de banhar-te as faces. És b-l-o!...

— E... no entanto, não é assim, bom velho!

— Ah! Tens então uma alma nobre?

E os seus lábios, entreabrindo-se, deixaram sair, em voz lenta, compassivamente:

— Despe essa farda! Concedo que sejas cavaleiro, mas do Ideal, entre as estrelas. Sim... cavaleiro do luar por esses céus.

— Mas tu, há pouco, dizias que tudo era lama; falavas-me de abismo tenebroso!

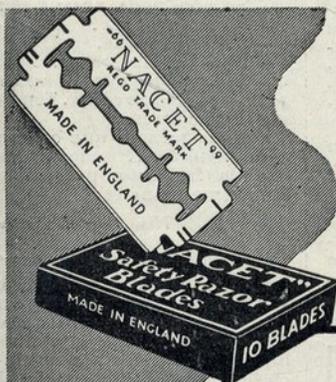
— Sim... eu disse isso, na minha grande dor, a dor que reflete o meu passado. Eu quis ser a alma pura em contacto com o Ideal. Sonhei. Quis criar um país de ilusão, e criei-o, mas não vivinele mais que instantes: fugiu-me, o ingrato! Porquê? Há qualquer coisa de terreno que me prende, que me afasta do Ideal. Oh! Para não ter nascido puro, antes não ter nascido! Lutei em vão, desesperei e descrei de tudo, mas vejo em ti luz estranha... Esse brilho do teu olhar... Serás tu o ente que eu ambicionei ser?

O cavaleiro não respondeu. Apenas suspirou e afastou-se no mistério da noite.

O velho seguiu-o avidamente com os olhos, vendo-o desaparecer ao longe.

De repente, os joelhos dobraram-se.

(Continua na pág. seguinte)



O habitual defeito das lâminas de baixo preço é a falta de uniformidade — boas, más, há de tudo no mesmo pacote. As lâminas Nacet, a-pesar do seu preço modesto, são uniformemente boas — da primeira à última lâmina, de cada pacote, todas fazem barbas bem feitas e perfeitas.

Lâminas "NACET"

Cada pacote de 10 lâminas

6\$00 esc.

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º — LISBOA

-se-lhe, e dos olhos baços, quase extintos, correram grossas lágrimas que lhe refrigeraram as faces enrugadas e febris. Fez um esforço para erguer-se, mas tombou no solo.

Ouviu-se um leve ramalhar no arvoredo. Talvez uma prece da folhagem...

O cavaleiro seguia sereno. Surgiu, agora, a seus pés, um grande lago de águas límpidas. Olhou-o e estremeceu. Retratava-se nele a sua gentil figura. Contemplou-se. Uma lágrima rolou-lhe pelo rosto e de seus lábios, entre soluços, saíram estas palavras: Não matarei!

E aquela lágrima foi, certamente, juntar-se às meigas águas que a deusam ter abraçado carinhosamente guardando-a no seu seio.

Fechou os olhos. Era feliz. A imagem d'Ele aparecia-lhe sorridente, e meio olhar muito brilhante e os cabelos castanhos espessos pelos ombros.

O luar envolvia-o ternamente, e um hálito de brisa, passando ligeiro entre a folhagem, fez-o despertar.

O hou atrás. Luar, tanto luar! Olhou em frente. Lá estava a mansão d'Ele, um lindo palacete semi-oculto nas ramarias de um parque silencioso e melancólico. Caminhou mais, e dentro de minutos viu-se junto do largo portão. Aproximou-se deste. O coração pulsava-lhe com violência.

Tomado de um impulso, abriu-o e entrou.

As flores balouçavam-se agitadas pela brisa e o seu perfume inebriante penetrava-lhe na alma.

Sorris.

Uns passos leves pisando folhas secas fixaram-no estremece de comção. Surgiu de entre as flores, um vulto branco que lhe pareceu envolto num manto de luar...

Era Ela, era Ela! Aproximaram-se. Chegando junto dele, estendeu-lhe as mãos. Ele tomou-as nas suas. Olhavam-se e sorriam.

Lá em cima, a lua e as estrelas segredavam, talvez, umas às outras: Amigos! Alegrem-nos! Cantemos na nossa luz!

Saudemos o amor!

É isto a vida

Um garoto, que por motivo da guerra se viu forçado a ajudar a mãe na limpeza da louça, depois de três refeições diárias, disse-lhe um dia, solenemente:

— Terrei de fazer o mesmo amanhã?

— Sim.

— E depois de amanhã?

— Sim — replicou a mãe.

Após um momento de silêncio, o garoto retorquiu pensativamente:

— E depois disto vem a morte!...

The Countryman

Imperfeição dos olhos

Vinte e quatro fotografias são projectadas, por segundo, na tela. De maneira a conseguir-se a transição de uma para a seguinte, um tudo nada diferente, a tela está sem luz durante 1/48 do segundo. Quer isto dizer que, durante a projecção de uma película, a assistência está, sem o saber, completamente às escuras em metade do tempo.

Se calcularmos o número de homens-horas num cinema de Londres em 75.000.000, mais de 37.000.000 horas são desperdiçadas às escuras.

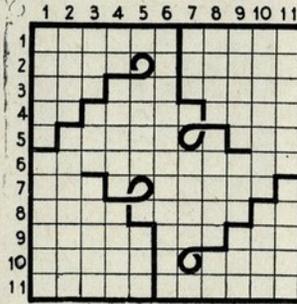
Film

Pensamento da quinzena:

Muita gente vive as suas existências numa atmosfera de náuseas produzidas por excessivas doses de uma coisa a que se seguem doses do seu antidoto.

Gilbert Murray

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 129

HORIZONTAIS

- 1 — Pequeno forte; Movimento convulsivo dos agonizantes.
- 2 — Protele; Despachar.
- 3 — Deusa; Assim por deante; Sofre.
- 4 — Artigo (pl.); Sovina; Cura.
- 5 — Aponto; Surge.
- 6 — Compareceréis.
- 7 — Título dos bispos maronitas; Que é bom para comer.
- 8 — Da mesma forma (expressão latina); Membro de uma heresia do Séc. II, que considerava a serpente como símbolo do Messias; Parecença.
- 9 — Sopas de pão; Fileira; Cólera.
- 10 — Gesto com a cabeça ou com as mãos; Porto à entrada do Mar Vermelho, pertencente à Inglaterra.
- 11 — Manchas avermelhadas nas faces; Que não trabalha.

VERTICAIS

- 1 — Canção popular portuguesa (pl.); Acariar.
- 2 — Composições poéticas; Insensível a tudo.
- 3 — Zombe; Em doses iguais; Dirígis.
- 4 — A ti; Cidade do nosso País onde se encontra o célebre templo de Diana; Irmã.
- 5 — Cuidado!; Ermos.
- 6 — Que tem a cabeça pequena.
- 7 — Tempo de verão; Vereador.
- 8 — Pássaros; Caverna; Suspiro.
- 9 — Fados; Pronome pessoal; Passado.
- 10 — Pequena embarcação, tripulada por um só homem; Clima.
- 11 — Praias; O sétimo planeta que gravita em volta do Sol.



Solução do problema 128

Resistência

Conta-se esta a propósito de uma judia, uma parisiense bastante conhecida na alta roda da capital francesa. Ela e a família refugiaram-se em Chambery quando começou a perseguição dos judeus em Paris.

Mais tarde, quando deixou de haver a zona não ocupada, todos os judeus deveriam ter averbado que eram nos cartões de identidade e nas cartas de racionamento. Por isso ela dirigiu-se à Polícia o oficial que a atendeu olhou-a severamente.

— Tem alguma prova de que realmente é judia?

— Não — titubeou a senhora. — Se não pode provar por que me veio maçar?

— ... desculpe-me,

— Não me interessa. Bom dia. Enquanto não o puder provar escusa de cá vir. Temos muito que fazer.

Foi ela mesmo que contou essa história. A maioria dos oficiais franceses procediam da mesma maneira.

New English Review

Sete unidades económicas

De cada um dos sessenta e seis Estados tentar fretar em seu proveito, um barco à custa dos restantes, não há contribuição alguma para a resolução do problema internacional de comércio. A solução deste problema está no agrupamento das diferentes nações para fins comerciais.

A Rússia basta-se a si própria. Os Estados Unidos podem fazer o mesmo. A Europa e a América do Sul podem constituir outros dois. Da mesma maneira, se a China, a África e Índia fossem encaradas como sete unidades económicas o problema do comércio internacional tornar-se-ia de simples resolução.

Só um mundo organizado nestas bases poderia, no século vinte, resolver este problema. Um mundo de sessenta e seis estados independentes voltar-se-á à situação anterior à da guerra.

Free World

INDIGESTÃO

Sen-te-se enfiado? Tome 2 RENNIES Fica aliviado.



UMA DOR



2 RENNIES



UM SORRISO

Muitas pessoas sofrem de indigestões ácidas depois de todas as refeições —

— têm de andar, para a frente, com elas! Se soubessem que as RENNIES lhes põem um ponto final! É a grande coisa é que elas podem ser tomadas a qualquer hora e em qualquer sítio. Não precisam de água, nem copo, nem colher. Não há demoras.

Basta tirar duas RENNIES da algibeira ou malinha de mão (são embrulhadas em separado para se poderem trazer soltas) chupá-las uma a seguir à outra, como dois rebuçados. As RENNIES entram logo em acção. Em dois minutos, o excesso de ácido, causa a indigestão, fica totalmente neutralizado. Depois, o mal-estar desaparece. As dores acabam e quando for tomar a sua próxima refeição, estará apto a fazê-lo.

Não se deixe atacar de novo pela indigestão ácida. Compre um pacote de RENNIES, agora mesmo em qualquer farmácia e traga sempre algumas nas tilhas consigo.

RENNIES



HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, arupções ou ardência na pele.

Se vende em lojas de farmácia e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PATA, 237 LISBOA



REFLEXOS DO MUNDO



Operador cinematográfico na selva

Sol de encomenda

Durante os anos que hão-de vir, decidirá a Grã-Bretanha modificar o seu clima em certas áreas? A força atômica talvez lho possa tornar possível, diz um eminente cientista britânico. O clima é em grande parte consequência de circunstâncias geológicas e geográficas no que respeita a montanhas, lagos e mares. Não há nenhuma razão inerente, dada a força atômica, pelo qual o Polo Norte não possa ser iluminado e aquecido até se tornarem quase normais as suas condições agrícolas.

Pequenos rios e montanhas já não constituem obstáculos. Cordilheiras poderiam ser mudadas para quase qualquer lugar preferido. Poderiam criar-se rios, mudarem-se as margens dos mesmos e tornarem-se enchentes as suas lagoas primitivas abrangendo países inteiros.

Na Grã-Bretanha não é impossível que uma cidade junto do mar e rodeada de montes se possa tornar mais soalheira, regulando-se-lhe as chuvas.

Cosas tais como o clima artificial e a extinção do nevoeiro têm sido consideradas inviáveis por causa do custo e da energia a dispendê-lo. Parece razoável supor, porém, que, um dia, uma era de energia atômica venha a vencer estas dificuldades.

Impressões digitais pela rádio

Mais uma vez a guerra internacional contra o crime encontrou uma colaboradora tenaz na Scotland Yard, quartel geral da polícia londrina, tão célebre em todo o mundo. Para poder autoar um criminoso, Scotland Yard transmitiu uma impressão digital pela rádio de Londres para Melbourne. A transmissão, realizada por Cable & Wireless, levou apenas sete minutos. Dentro de 24 horas, a Scotland Yard recebeu confirmação de Melbourne de que a polícia da cidade tinha conseguido identificar o criminoso com o auxílio da impressão digital telegrafada. Já em 1938 se tinham feito experiências desta natureza, mas elas foram interrompidas pela segunda guerra mundial.

Diz-se que a Scotland Yard tenciona ter no próximo futuro conferências com os representantes das forças de polícia de todo o mundo, com o fim de se tirar o maior partido possível, internacionalmente, deste progresso sensacional. Os peritos em criminologia consideram que os novos métodos constituem o maior progresso jamais feito neste ramo.

(European Correspondents)

Emissoras portáteis para bombeiros

Em Londres, pode agora ver-se a adaptação para usos de paz de outra invenção do tempo de guerra. Trata-se de um aparelho rádio-telefónico portátil com o qual os bombeiros de Londres estão sendo apetrechados. O microfone afixado à garganta e funciona por meio de vibrações quando quem o traz fala com a sua voz normal. Bombeiros dentro de um prédio em chamas, podem manter-se em contacto com o serviço dirigente do ataque ao incêndio e prestar informações a respeito do que se passa enquanto, de agulheta em punho, combatem o incêndio.

Fonética

Visitava eu um navio polaco, há cerca de dois anos, e a con-



versa girava em volta da literatura. Perguntei ao comandante se gostava das obras de Joseph Conrad. O comandante perdeu o sorriso, tornou-se pálido e



Este rapozinho órfão é a mascote do porta-aviões. A bordo, um soldado inglês proporciona-lhe momentos de alegria

desviou o olhar. O mesmo aconteceu nos restantes oficiais. Um deles, porém, quebrou o silêncio dizendo:

— Esse nome nunca deve ser pronunciado num navio polaco.

Então o médico que falava um inglês melhor que os seus compatriotas, sorriu dizendo:

— Desculpem-nos. Houve aqui

A MULHER NO CAMPO

A mulher inglesa, que nesta guerra tanto contribuiu, com o seu heroísmo e com a sua obnegação para a vitória, ainda substitui, neste momento, nos trabalhos do campo, os homens que não foram desmobilizados. Esta linda rapariga é uma hábil tosquiadora

um equívoco. O comandante julgou que você dissera Joseph Conrad.

New Statesman

Efemérides de Fevereiro

De 4 a 11 de Fevereiro de 1945 efectuou-se na Crimeia a conferência histórica, onde Churchill, o marechal Estaline e o falecido presidente Roosevelt elaboraram planos para a derrota final da Alemanha, sua ocupação e fiscalização, tendo publicado uma declaração conjunta sobre a libertação da Europa e a colaboração na paz.

Em 1 de Fevereiro de 1941 formou-se na Grã-Bretanha o Corpo de Treino Aéreo.

Aniversários literários: Charles Dickens nasceu em 7 de Fevereiro de 1812; Anthony Hope, em 8 de Fevereiro de 1863;

Charles Lamb, em 10 de Fevereiro, de 1775 e John Keats morreu em 23 de Fevereiro de 1821.

Entre outros aniversários natalícios há os de J. B. Dunlop, o homem do pneumático (1840), Charles Darwin, naturalista

britânico célebre pela sua teoria da evolução (1809) e do Visconde Simon (1873).



Numa fábrica de plásticos, na Grã-Bretanha



CLARK KERR

A carreira rápida e brilhante de Sir Archibald Clark Kerr encontra-se amplamente justificada pelos seus méritos excepcionais e pelas magníficas qualidades de tacto e de inteligência. Depois de ter percorrido conscienciosamente os diversos escalões da carreira diplomática com gerais louvores, os acontecimentos ofereceram-lhe um ensejo inesperado de dar a medida exacta da sua capacidade e do seu ardente desejo de realizar obra útil.

Foi durante a sua passagem pela embaixada de Chung-King que o nome de Sir Archibald começou a ser citado com uma frequência que revelava o interesse crescente com que era acompanhada a sua actividade. Não era de facilidades esse período em que a Grã-Bretanha suportava sozinho o peso da guerra contra a mais poderosa coligação militar de todos os tempos.

Mas era sobretudo no Extremo-Oriente que a atmosfera de incompreensão a que nos referimos se adensara mais perigosamente e Sir Archibald teve de utilizar todos os recursos.

Terminada a sua missão em Chung-King foi transferido para o posto de Moscovo numa época em que a aliança anglo-russa constituía o elemento principal em que repousava a conjunção dos esforços dos aliados na Europa. Os créditos merecidos de que Sir Archibald já gozava tiveram uma confirmação definitiva e retumbante. Os serviços que prestou durante o último período da luta mereceram os louvores incondicionais de todos os governos aliados.

A sua nomeação recente para o posto de embaixador em Washington, cuja importância e significação é desnecessário pôr em relevo, constitui a consagração de uma carreira exclusivamente devotada ao serviço da nação.

CRONICA INTERNACIONAL

UMA GRANDE TAREFA

DE todas as intervenções do chefe da delegação britânica na última Assembleia da O. N. U., a mais sensacional e aquela que, certamente, mais impressionou o mundo foi a que se referiu e teve por tema a situação alimentar dos diversos continentes e, especialmente, dos continentes europeu e asiático perante a perspectiva alarmante duma fome irremediável e niveladora. Os números apresentados pelo sr. Bevin e os factos que elle revelou são de molde a justificar todas as apreensões e a provocar um movimento unânime dos povos civilizados no sentido de se organizar o movimento de salvação comum que pode evitar a repetição das catastrophes cujos efeitos ainda não deixaram de se fazer sentir durante os últimos trinta anos.

«Encontramo-nos, disse o sr. Bevin, no meio do silêncio comovido dos representantes de cinquenta e um países, perante a necessidade urgente de realizar a mais gigantesca tarefa que alguma vez as nações tiveram de enfrentar». O secretário dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha não hesitou em colocar a Assembleia perante o drama pungente das realidades actuais afirmando o seguinte: «Se não puzermos em comum os nossos recursos e as nossas possibilidades e se os não soubermos organizar, eficientemente, poupando e distribuindo racionalmente até à mais insignificante porção dos géneros alimentícios disponíveis, é a ameaça da fome que se projecta sobre todo o mundo».

O Secretário de Estado britânico revelou que há um deficit cereaífero de cinco milhões de toneladas, em relação às necessidades actuais das populações do nosso continente já deficientemente alimentadas e recebendo rações muito inferiores às normais. Esse deficit só pode ser compensado pelo esforço comum de todos os povos e pela afirmação de um sincero espirito de cooperação internacional que ponha de parte todas as discussões estereis e elimine definitivamente todos os motivos e pretextos de divergência que subsistem e perturbam a atmosfera em que deve ser organizada a paz.

A actual divisão da Europa em esferas de influência e sobretudo a falta de um estatuto regular que defina a situação dos povos vencidos perante os vencedores constituem dois elementos capitais que só por si bastam para justificar a posição delicada em que, sob o ponto de vista alimentar, o nosso continente actualmente se encontra.

«Em certas zonas da Europa e da Ásia, disse o sr. Bevin, é a fome que se aproxima e espreita de perto os povos». Na sessão dos Comuns em que se referiu a este problema crucial, do qual depende a sorte das gerações que sobem agora para a vida, o Secretário de Estado britânico acrescentou: «É como se se tratasse de uma nova guerra». Efectivamente os seus estragos e os seus prejuizos não seriam, e não se tomarem medidas rápidas e radicais, nem menos estensos nem menos dolorosos.

Nesse debate o chefe da opposição, sr. Eden, com a sua larga experiência dos problemas internacionais e das suas dificuldades, declarou que não desejava fazer do problema tratado pelo seu sucessor no Foreign Office um motivo de retaliações ou um pretexto para fáceis especulações partidárias. Trata-se, efectivamente, dum assunto em que no plano nacional e no internacional o concurso e a boa vontade de todos não são demais para evitar que a catástrofe da guerra tenha como epílogo, no nosso tempo, a catástrofe da fome.

O OBSERVADOR

O futuro da Alemanha

E' difícil conceber uma Europa organizada sem uma Alemanha estável. Desde que em Versaillles foi consagrada a unidade alemã, suscitou-se um problema ao qual não foi ainda possível dar solução adequada e satisfatória. Esse problema, apesar da vitória aos inimigos daquele país em duas temerarias conflagrações mundiais, subsiste.

Os episódios recentemente registados no território alemão dividido em zonas de ocupação, cada uma delas sujeita a um regime especial, não são de molde a tranquilizar aqueles que desejariam ver regressar ao nosso continente, o materialmente possível, a condições de vida normal e tranquila. As autoridades aliadas não ocultam a sua inquietação e o seu desapontamento perante aquilo que vêem e pressentem. Um pouco por toda a parte, mas de maneira especial nas regiões do centro e do sul do Alemanha, existe organizado um movimento de resistência.

Este facto é de molde a provocar uma inquietação justificada e merece a atenção vigilante dos vencedores se estes não quiserem repetir o desastre de 1918 perdendo a paz, depois de terem ganho a guerra.

Em Nuremberga

Na parte final da sua acusação, durante o julgamento de Nuremberga o acusador francês, Pierre Mounier, referiu-se a Rosenberg, filósofo oficial do nacional socialismo nos seguintes termos: Os homens como Rosenberg pretendiam fazer recuar a nossa civilização de milhares de anos. O caso especial desse filósofo oferece ensinamentos salutares. Vim-lo descer do seu trono de inventor de doutrinas do racismo e da superioridade racial ao nível de um escamoteador que aproveitava a sua situação especial e as vantagens episódicas que dela resultavam para adquirir os tesouros artísticos dos países ocupados fazendo a declaração de que não deveria mais pensar-se na sua restituição eventual:

Este episódio, que de resto foi deavendado em Nuremberg com todos os pormenores e que não afecta apenas Rosenberg mas também outras personalidades do regime nazi entre os quais Goering, constitui um traço flagrante e inescusável perante o qual a consciência universal já há muito se manifestou de maneira a não deixar dúvidas sobre a sua sentença moral.

MUNDO GRÁFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.º — Travessa da Oliveira, à Estrêlo, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1880

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O marechal Alexander falando aos delegados da O. N. U. no Royal Albert Hall, de Londres

AS NAÇÕES EM LONDRES

QUANDO, em Dumbarton Oaks e mais tarde, em S. Francisco, os homens encarregados de construir as peças que haviam de constituir o mecanismo delicado da paz prosseguiram na realização da sua tarefa, mal se aperceberiam, certamente, da natureza da primeira prova que a essa obra teria de suportar. Nessa altura, era o optimismo criado pela iminência da vitória e depois pela certeza dela que dominava os espíritos e procuravam os que estariam em condições de antecipar as duras realidades que o mundo presentemente conhece.

Mesmo nas horas febris que precederam essa primeira prova, não faltavam aqueles que aconselhavam a cautela, de preferência à sinceridade, e manifestavam publicamente o receio compreensível de que o mecanismo penosamente construído

se desfizesse ao primeiro embate dos acontecimentos que não estava preparado para enfrentar e dominar.

Finalmente, foi a hipótese admitida pelo menor número, e defendida apenas por algum que viam nela a fórmula mais justa para avaliar do verdadeiro valor do trabalho realizado, que acabou por prevalecer. Em boa hora isso aconteceu porque assim é possível avaliar já hoje do fundamento das esperanças que é legítimo continuar a depositar na paz com as suas perigosas contingências.

O trabalho realizado pela Assembleia da O. N. U. na sua primeira reunião pode dividir-se em duas partes. Uma foi consagrada exclusivamente a pôr em funcionamento as engrenagens do novo organismo de segurança, escolhendo as pessoas que devem assumir o encargo de as

adaptar às necessidades da colaboração internacional. Essa primeira parte foi levada a cabo com equilíbrio e uma eficácia que justificam todos os louvores.

A Assembleia escolheu a sua própria mesa presidente e vice-presidente, tarefa que não foi fácil mas que se completou com inteira felicidade e designou o nome do secretário geral do novo organismo. A sua escolha serviu para pôr em relevo duas individualidades de primeiro plano: o belga Paul Spaak e o norueguês Trygve Lie. Ambos eram desconhecidos do grande público, ambos pertencem a pequenos países que se ilustraram durante a guerra e a ocupação.

Em seguida, foram designados os países que em número de seis devem constituir, com as cinco grandes potências, o Conselho de Segurança, órgão executivo



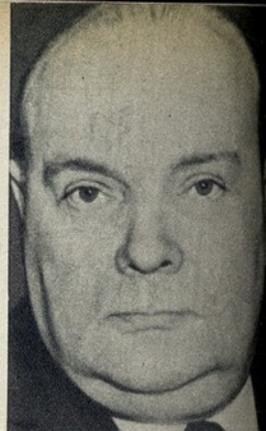
Ernest Bevin, da Grã-Bretanha



James Byrnes, dos Estados Unidos



Vishinsky, da U. R. S. S.



Paul Henry Spaak, da Bélgica, presidente



O sr. Bevin, ministro dos Negócios Estrangeiros de Inglaterra, dirigindo-se aos membros das nações vitoriosas, reunidas em Central Hall, de Westminster

da O. N. U. recaindo a escolha da assembleia na Polónia, Holanda, Brasil, México, Austrália e Egipto. Também esta escolha foi caracterizada por uma noção louvável das realidades e das exigências, e susceptibilidades legítimas dos diversos continentes e regiões do mundo.

Por último, a Assembleia designou os países que devem constituir o Conselho Económico e Social, de cujo funcionamento eficaz depende, em grande parte, o êxito do novo organismo, e as individualidades que devem cumprir o tribunal de justiça Internacional e a Comissão de Estado Maior. Para a realização desta tarefa foi necessário proceder com uma habilidade e uma cautela a que a experiência adquirida com a primeira experiência societária não foram certamente estranhas.

Ao contrário do que se esperava e do que era certamente desejado por muitos, a Assembleia não hesitou em se submeter à prova crucial de uma ampla discussão sobre alguns dos problemas que ensombraram a harmonia e perturbaram a atmosfera internacional discutindo publicamente as razões de queixa recíprocas de algumas das potências directamente envolvidas pela sua resolução.

Esses problemas foram, pela ordem de discussão, os seguintes: Persia, Grecia, indonésia, Síria e Libano. Todos eles se referiam à situação que atual-

(Continua na página 28)



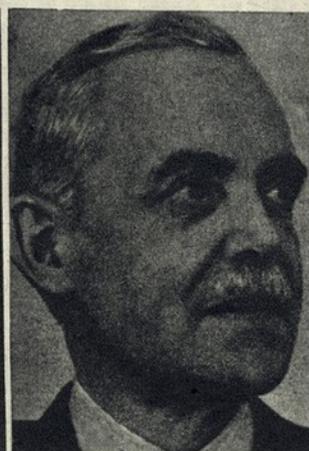
Norman Makin, da Austrália



Souza Dantas, do Brasil



Kiselev, da Bielorrússia



Louis Laurent, do Canadá



Wellington Koo, da China

PORTUGAL-INGLATERRA

UM GRANDE
DESAFIO
DE FUTEBOL



Uma defesa do guarda-redes Williams
de uma recarga de Peyroteo

VENCERAM AMBOS!



O sr. Presidente da República, tendo à sua direita o sr. embaixador de Inglaterra e, à esquerda, o sr. ministro da Guerra, assistindo ao sensacional encontro



Uma fase movimentada do desafio, na primeira parte, antes de se estabelecer o empate com que o célebre jogo terminou



Perante a expectativa de milhares e milhares de pessoas, as duas equipas estão perfiladas deante da tribuna de honra, antes de se iniciar a partida

O encontro de futebol entre a equipa da R. A. F. e a selecção militar portuguesa, organizado pelo «Século» com a colaboração da Cruz Vermelha Portuguesa e que se realizou no dia 17, no Estádio Nacional, foi dos mais sensacionais acontecimentos desportivos dos últimos tempos.

Pela primeira vez, pode dizer-se, antes do desafio, os portugueses não manifestaram interesse pelo resultado. Dir-se-ia que ele era infalível. Mas, o que interessava sobremaneira, era ver jogar os ingleses e, entre eles, as vedetas do futebol britânico.

Por isso, o resultado foi uma surpresa — uma surpresa e uma certeza, a certeza de que o futebol nacional está à altura de competições de tamanha envergadura, perante adversários que são os primeiros entre os mestres de todo o mundo.

Não há dúvida que a nossa técnica não logrou igualar a deles, mas a desvantagem foi coberta pela energia, pelo entusiasmo, pelo esforço que os nossos rapazes puseram na luta. Também não há dúvida que recebemos uma boa lição de futebol, perante a actuação de maravilhosas unidades de uma equipa perfeita.

O crítico de futebol do «Século» escreveu:

«A atenção dos milhares de espectadores, que encheram o nosso grandioso Estádio, encontrou-se no jogador-milagre, no artista de gelo, que é Matthews. O seu primeiro tempo não revestiu grande luzimento, mas, depois do intervalo, dispôs-se a mostrar a sua categoria e foi vê-lo anular completamente a presença de Serafim. Nunca jogador português teve responsabilidade maior que aquela que coube ao médio direito da nossa selecção militar. Tudo quanto pode dizer-se para definir a classe do extremo direito do «tonze» da R. A. F. é que ele reduz a equipa adversária, praticamente, a dez homens. Prendendo a si o adversário com o encargo de marcá-lo, manobra como se ele não existisse. As suas fintas instantâneas, a facilidade do pontapé e a certeza na colocação das passagens fazem de Matthews um jogador assombroso. Não há jogador em que não triunfe — é um génio do futebol!

Smith, na ponta oposta, distinguiu-se no primeiro tempo: mobilidade prodigiosa, igual certeza no rumo dos pontapés e exímio nos centros cingidos à trave, tirados de junto da linha de cabeceira. Excelente desmarcação. Mercer, no centro do ataque, foi o elemento menos brilhante dos avançados ingleses. Feliciano não o deixou um momento à vontade. Brown, o

(Continua na página 29)

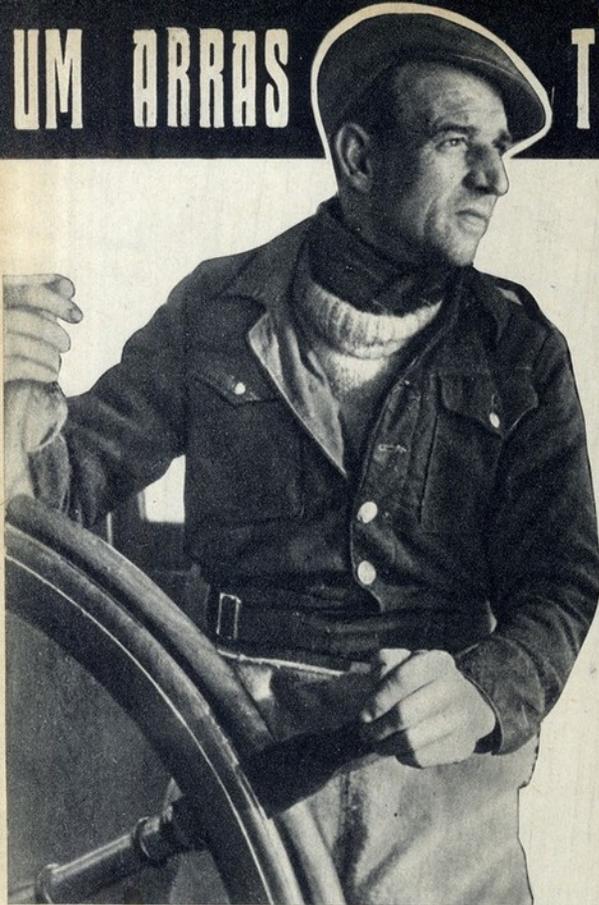


Um aspecto da assistência. O dia de sol obriga a improvisar capacetes de papel. Há entusiasmo em todas as fisionomias



Um português e um inglês, num momento perigoso, disputam o esférico com a cabeça. Quando a equipa militar portuguesa entra em campo, sobe no mastro de honra a bandeira nacional, enquanto os clarins tocam a sentido

UM ARRAS TÃO DE GRIMSBY FEZ-SE AO MAR



O piloto do arrastão «Rígho», desmobilizado do serviço de roçega de minas

NA Grã-Bretanha, come-se muito peixe, pois abunda nas águas metropolitanas e nas extensões adjacentes do Mar do Norte e do Oceano Atlântico. Os recortes profundos da costa britânica criaram um tipo de gente do mar e forneceram ótimos portos para vilas e aldeias de pescadores.

Aos verançantes oferece interesse constante ver homens e mulheres a consertar as suas redes nos cais e os barcos a balouçar ao sabor da maré. Há sempre algum velho lobo do mar reformado que enverga grossa camisa de lã azul e botas altas e passa os restantes anos da sua vida a olhar saudosamente o oceano e a recolher lanços prodigiosos nas águas férteis dos seus sonhos.

O maior porto de pesca da Grã-Bretanha e, julga-se também, do mundo é Grimsby. Existe uma rivalidade continua mas amigável entre Grimsby e Hull sobre a primazia nesta indústria, mas Grimsby é o vencedor, embora seja por uma margem pequena. Segundo a lenda, há cerca de mil anos que Grimsby é terra de pescadores. A história de como Hablok o Dinamarquês foi atrado à costa de Lincolnshire num barco de remos quando ainda bebé e de como foi criado até à maturidade heroica pelo Pescador Grim é uma das epopeias da primitiva literatura inglesa. Diz-se que Grim fundou a cidade na foz do Humber e ao abrigo da Ponta Spurn a que deu o nome de Grimsby ou cidade de Grim.

Grimsby é hoje uma cidade de 92.000 habitantes com importante comércio de importação do continente da Europa e uma preponderante indústria de pesca. Não é possível saber quantos arrastões se utilizam, actualmente, do porto de Grimsby porque nem toda a sua enorme frota voltou ainda à faina da pesca. Durante a guerra centenas destes barcos robustos e suas tripulações intrépidas foram mobilizados como caça-minas e muitos deles e respectivas tripulações se perderam neste trabalho perigoso. Os poucos que ficaram para fornecer de peixe a população tinham que correr o risco não só das minas como do ataque directo de submarinos e de aviões inimigos. Agora, esses barcos estão a ser libertados pelo Almirantado e é possível que não tarde muito que a pesca anual da cidade, que antes da guerra era de 250.000 toneladas, seja igualada ou mesmo excedida.

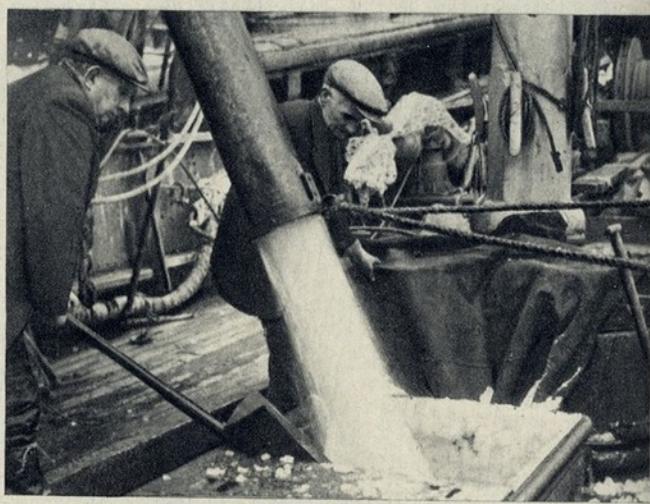
Os campos de pesca estendem-se desde o Dogger Bank, no Mar do Norte, até às águas do Atlântico em volta da Islandia. Fornecem arenques, bacalhau, solhos, gado (uma espécie de bacalhau pequeno), pescada e halibú da melhor qualidade.

Quando os arrastões chegam com o pescado este é descarregado com grande rapidez por homens especializados nesse mister e é transferido para o grande mercado de peixe do cais. Este mercado, que é conhecido pelo nome de Pontão, é um edifício grande completamente coberto mas

(Continua na pág. 25)



O arrastão recebe a bordo carvão por meio de um grande transportador mecânico que é uma das facilidades modernas nas docas Grimsby



Enche-se o paiol do arrastão com gelo partido sem o qual o pescado não se conservaria durante a faina, que dura uns oito dias



À companhia de pesca de arrasto tem o seu próprio armazém, onde as tripulações recebem os mantimentos para a viagem



Leva-se para bordo uma rede de arrasto nova. Os rolos de madeira e de ferro, à direita, servem para manter a rede no fundo sobre o qual correm



No mar alto. O mestre varre o horizonte com o binóculo enquanto o piloto está ao leme



Desenrola-se a rede que está pronta para ser lançada. E' um objecto pouco jeitoso e manejá-lo exige experiência.



Depois de arrastada durante algumas horas a rede é recolhida por toda a tripulação

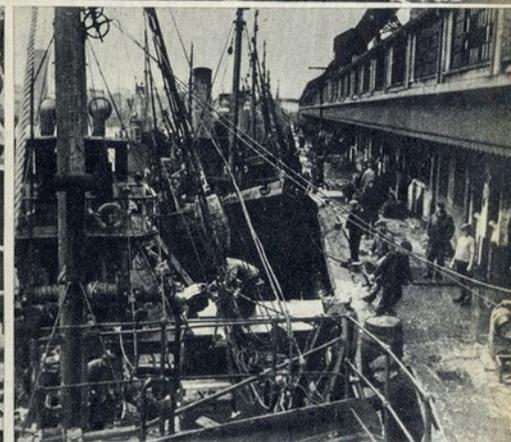
Solta-se o peixe pescado no lanço depois do que o pescador ataca de novo o fundo do sacco



Chegado ao campo de pesca lança-se a rede ao mar



Enquanto esta se faz a tripulação limpa o peixe. Guardam-se os fígados do bacalhau para a fabricação do óleo e o produto da sua venda distribui-se entre o pessoal do convés



Depois de limpo o peixe é lavado por meio de uma agulheta e armazenado no porão

O arrastão chega a Grimsby e o seu carregamento vem para em cestos



Leva-se do porão um cesto de bacalhau. O mestre e a tripulação recebem uma percentagem sobre o valor do pescado. Hoje em dia recebem grossa maquia

Enquanto o peixe estiver sujeito à fiscalização imposta durante a guerra a lota não se faz da maneira habitual e o peixe é distribuído por funcionários do governo. Aqui estão, de batas brancas, rodeados pelo comerciantes de peixe

OS JAPONÊSES TAMBÉM



apenas espectadores e testemunhas — povos de todas as raças vítimas dos crimes cometidos pelos japoneses



Três criminosos de guerra nipônicos saem das suas celas e são conduzidos à sala do Tribunal pelos soldados britânicos que venceram na



conduzidos à sala do Tribunal pelos soldados britânicos



No banco dos réus. São fisionomias patibulares, revelando, na própria expressão, a culpa das atrocidades que cometeram em Singapura depois da ocupação



Em Hong-Kong, outra colônia britânica que os japoneses invadiram, praticando as piores atrocidades. Um criminoso de guerra sujeita-se a uma receita de higiene

NÃO é só Nuremberg o grande Tribunal da História. Ele é apenas para os criminosos que encharcaram a Europa de sangue. No Extremo Oriente, os japoneses também prestam contas dos seus crimes hediondos.

Em Singapura e Hong-Kong as cidades mártires onde os amarelos cometeram as mais trágicas barbaridades e os mais repugnantes vexames, estão a ser julgados os responsáveis por esses crimes. E não há dúvida que igualam, em barbaridade, os cometidos pelos seus aliados da Europa, nos campos de concentração. Talvez piores, ainda, praticados que foram os requintes sanguinários de uma raça que quer, também dominar o mundo — segundo os famigerados capítulos do plano Tanaka.

Também os nipônicos estão a responder por terem aceitado o tirânico militarismo dos seus senhores. E há-de fazer-se justiça — a justiça que o mundo deseja para poder gozar as quatro liberdades prometidas pelo grande Presidente Roosevelt.

Os olhos das gentes que sofreram os terríveis males do mundo em guerra, que sofrem, ainda, a perspectiva da fome que se apresenta nos campos rasgados de feridas profundas, estão postos nos julgadores, aguardando a sentença que é necessário se torne em exemplo inesquecível para que não haja mais criminosos de guerra.

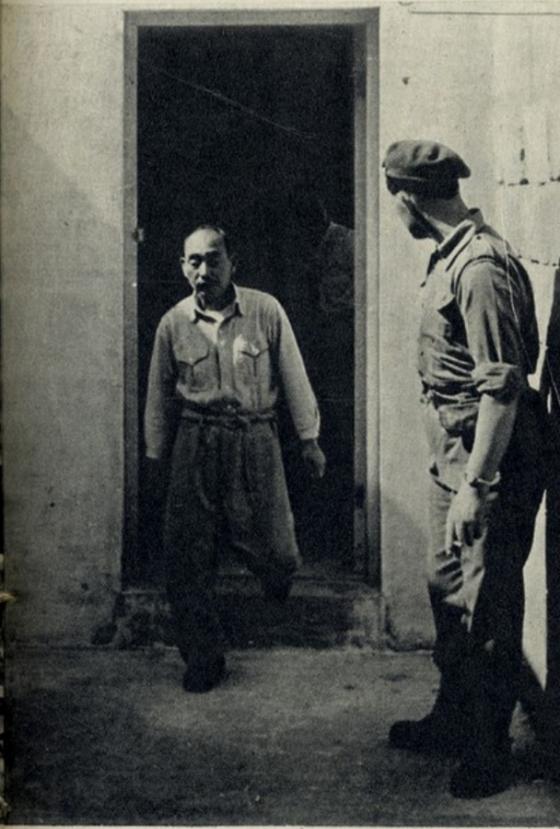
Duvidamos que a Humanidade tenha maior capacidade de sofrimento do que aquela que já teve de pôr à prova, em arrancos sublimes de heroísmo e de sacrifício. A Humanidade não quer sofrer mais. Quere viver e quere viver com alegria.

Mas para isso é necessário que os homens encarregados de construir a paz saibam, de facto, construí-la. Assim será!

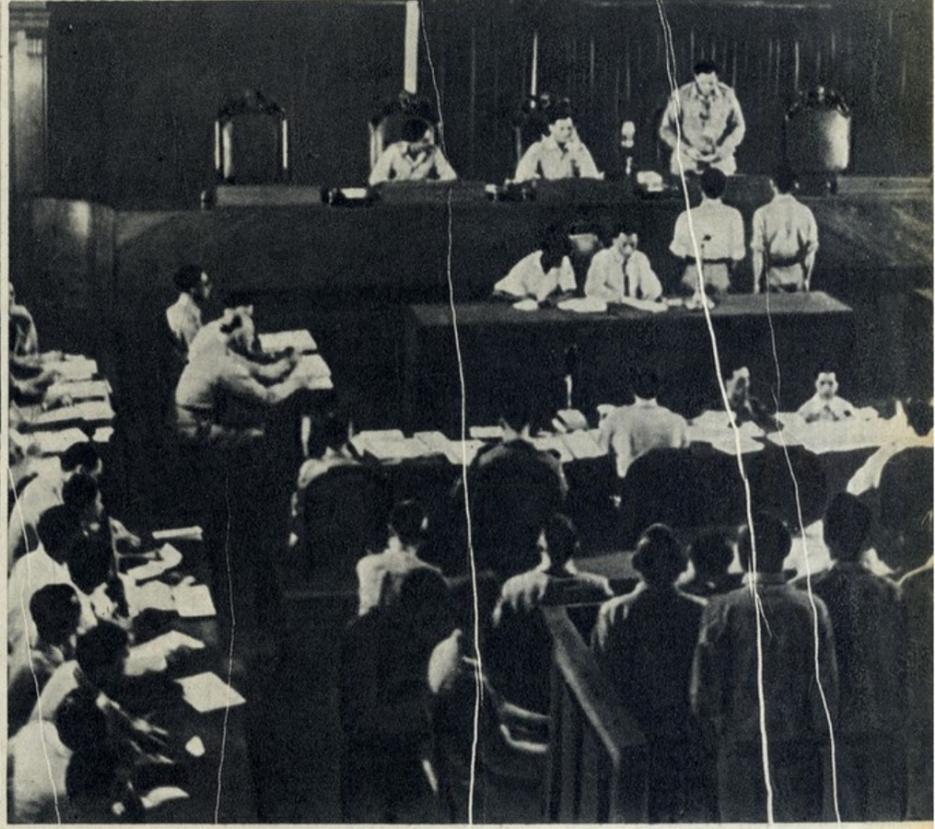
SÃO JULGADOS



Outro prisioneiro japonês vai da sua cela para comparecer no Tribunal. À esquerda, um graduado inglês e



o interprete esperam para o acompanhar



O Tribunal, em Singapura. À esquerda do presidente, um oficial japonês despoje



Uma vista do Asilo de Aleijadas



Uma das raparigas aleijadas com um braço de flores artificiais

A pequeníssima distância de Londres existe um grupo de casas modernas onde vivem e trabalham rapariguinhas aleijadas. É o asilo de Aleijadas de John Groom. Não se parece, porém, com as habituais instituições de caridade. O seu fim é prover de casa e de trabalho regular raparigas que estejam tão aleijadas que não possam ser empregadas nas tarefas industriais normais.

O asilo recebe raparigas vindas de todas as partes da Grã-Bretanha e adentra-se para uma ocupação. Mesmo quando o período de treino tenha que prolongar-se durante anos, cinco, seis ou sete, leva-se a cabo com paciência, e terminado o seu treino, a rapariga aleijada recebe emprego permanente nas confortáveis oficinas do asilo.

O mester que todas estas raparigas aprendem é a manufatura de flores artificiais. Estas flores são vendidas nos mercados comerciais usuais e entram em concorrência com as flores fabricadas por operárias fisicamente sãs. Todas as raparigas recebem salário e contribuem com parte dele para o seu sustento, contribuição esta proporcional ao que ganham. O facto de terem emprego e de ganharem dinheiro com o seu trabalho constitui enorme auxílio psicológico dado às raparigas. Em vez de terem a impressão de serem umas inúteis que dependem da caridade das suas famílias ou do Estado sabem que ocupam um lugar no mundo. Desta maneira cria-se nelas um a mente sã embora os corpos sejam aleijados.

A comunidade está também organizada de maneira a permitir que as raparigas levem vida tão normal quanto possível. As casas são administradas à maneira de hospitais. Cada uma delas está a cargo de uma «Mãe», que em todos os casos é uma mulher que desempenha voluntariamente o cargo por se tratar de serviço social.

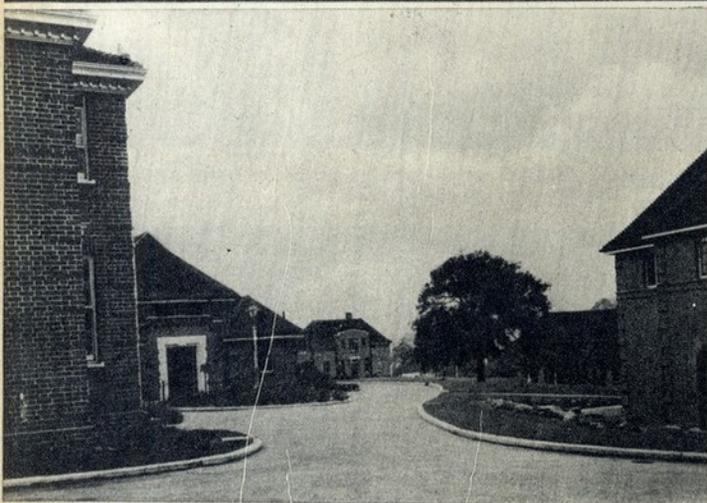
Os regulamentos são simples. As raparigas têm a liberdade de entrar e sair quando querem. Muitas delas assistem a classes noturnas onde estudam variados assuntos tais como: culinária, línguas e taquigrafia. Outras recebem lições particulares de música, de dicção, etc. Ausentam-se frequentemente nos fins de semana.

As condições de entrada também são muito simples. Qualquer rapariga — seja qual for a sua classe ou a sua religião — é aceita contanto que seja capaz dos actos elementares de tratar de si e contanto que não sofra de doença prejudicial aos outros membros da comunidade.

As flores fabricadas nas oficinas são de muitas espécies. Na maioria, são cópias de flores verdadeiras, mas fabricam-se também flores de fantasia para ornamentar vestidos ou chapéus. Fabricam-se ainda pequenas flores de botecira para serem vendidas nas ruas em benefício de hospitais em certos dias autorizados. Durante a guerra as raparigas fabricaram também pequenos acessórios para aparelhos de rádio de aviões e de tanques. Era trabalho que exigia um grau elevado de precisão. Agora estão a aceitar alguns contratos para o comércio de exportação, sobretudo trabalho de embalagem

(Continua na página 28)

O Mundo é também para elas



Vista geral da comunidade com as suas casas independentes entre relvados e canteiros de flores, uma das suas características



Manufatura de lírios — uma flor que se vende bem e que exige muita habilidade. Para remate da manufatura, mergulham-se em cera para lhes dar um aspecto tão realista quanto possível



Vista geral de uma oficina



Uma linda exposição de flores saídas das oficinas. A procura é tão grande que há encomendas suficientes para dois anos de trabalho



Fabricam-se flores para venda nas ruas em favor dos hospitais



Também se fabricam rosas para venda a favor do Fundo Hospitalar da Rainha Alexandra



Fabrico de acessórios para condensadores de aparelhos de rádio



Outros enrolamentos de transformadores feitos com aparelhos manuais



Apesar de aleijadas contribuíram estas raparigas com a sua habilidade para o esforço de guerra na Grã-Bretanha



A comunidade possui também um orfanato para crianças, em Clacton-on-Sea. As que se vêem na fotografia preparando-se para o seu passeio da manhã



Presta-se grande atenção às refeições para que sejam equilibradas. Tocãs as crianças se revezam a servir à mesa



Cada criança tem um cubículo separado no dormitório do orfanato

TERRA SAGRADA



O túmulo de Absalão, ergundo-se sobre as campas milenárias. A estrada, ladeada de ciprestes, contorna a velha muralha de Jerusalém atrás da qual se encontra o templo destruído da Cidade Santa



O vale onde a velha tradição diz que o anjo apareceu aos pastores e anunciou o nascimento de Cristo

A paisagem tem uma grandeza dramática. Pedras que parecem ossadas, montes nus e tristes como calvários, sombras densas e profundas...

Por ali o berço de uma grande religião que libertou a Humanidade de todas as incertezas do mundo antigo, entregando-lhe Deus sem distinguir povos, nem raças. Com ela nasceu a imortalidade da alma, e ainda a verdade que purifica todas as existências seja qual for a sua condição. Foi ali, também, que a dúvida e o erro se resgataram por um duplo acto de beleza de sacrifício.

Na sua nudez descarnada, eburgada de humus, o cenário pode ter mudado aqui e ali em pormenor, sem que se alterasse, todavia, a sua expressão metafísica. Os factos históricos de que foi teatro, como que sobrevivem no silêncio das rochas, no lenho lacrado das árvores e na voz cançada do vento que perpassa sobre as planícies pulverulentas de sal e de cinza.

E' esta a terra de Jesus! Todos os seus passos, desde a alegria da adolescência até a paixão do Calvário, estão marcados naquele solo ardente. Ali era o templo, onde ele ensinava, profeticamente, aos doutores das velhas leis, as certezas eternas do passado e do presente.

Mais além, é o antro soturno e infécto, onde lázaro se levantou, quando sobre as suas chagas caíram aqueles olhos maravilhosos que eram azuladas estrelas da manhã. E vemos ainda Maria Madalena, que

(Continua na página 29)



Olhando do monte das Oliveiras para a estrada de Jericó, vê-se a muralha da Cidade Santa. A estrada, ao centro, conduz à porta de S. Estêvão. No primeiro plano, a capela de todas as nações



Dois mausoleos junto estrada de Jericó



O túmulo de Raquel. Um judeu trata do precioso candelabro com lamparinas de azeite

VIDA BOÊMIA



Um jovem «virtuoso» executa no violino uma canção melancólica, que lhe recorda, talvez, o país onde nasceu

TEM seu quê de estranho a vida aventureira dos indivíduos que correm mundo. Nestes, podemos incluir os artistas de circo. Onde virão eles, com suas artes e com a sua aspiração de sonhos?

Nem sempre se sabe. Nem o caso tem interesse de maior. Quantas terras percorreram? Quantos povos visitaram? Quantas glórias e dissabores obtiveram por esse mundo, que sendo tão grande, lhes parece pequeno?

Têm, por vezes, clarões de sol no olhar que, dir-se-ia, os tornam diferentes dos homens que se habituaram a consumir a existência sempre no mesmo cantinho da terra.

De onde vêm? Nem eles sabem.

É por isso, que a vida dos homens que caminham sempre, em busca do ganha-pão ou de um efêmero êxito de

(Continua na pág na 25)



Mesmo nas horas vagas, a música é sempre a preocupação dos artistas; pois a música é melhor expressão da alma de quem sonha



Duas figurinhas românticas de novela? Talvez! Mas, igualmente, duas artistas de circo



Até nos momentos de descanso o cavalo e o equitador são ainda motivos de admiração para o público... dos próprios artistas



O ensaio num encanto do circo

E' assim que se começa... Esta pequenita será, não tenham dúvidas, uma futura «ecuière»



Os artistas prepararam-se para a sua entrada em cena... e pelos rostos alegres nota-se que confiam num triunfo

Decerto, discutem o êxito do último espectáculo e pensam no do próximo

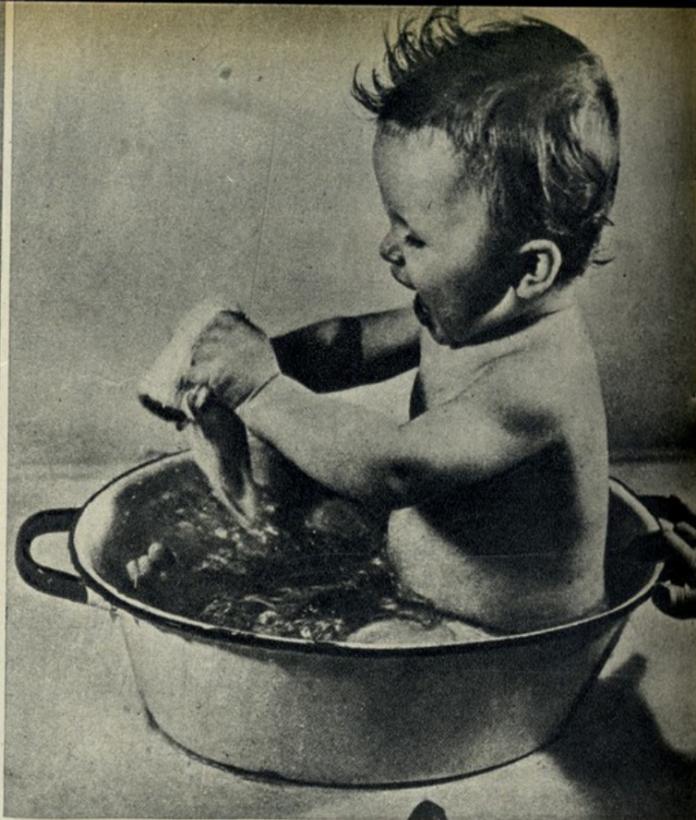


Não usa longa cabeleira, como foi moda entre artistas, no século passado, mas nem por isso deixa de ser artista





Avareza — ou talvez não. O certo é que ninguém seria capaz de lhe arrancar das mãos o copo cujo líquido ele, o pimpolho, saboreia tão... requintadamente



Alegria. Vejam como ele «vibra» em contacto com a água tépida. Aprende já ser uma pessoa civilizada, que toma banho todos os dias.



Aventura. A revista caiu-lhe nas mãos e ele quer penetrar em todas as imagens. Estende as mãozitas e... penetra mesmo, fazendo o papel em frangalhos.



Graciosidade. Poderá vir a ser um bailarino. Não há dúvida que aqueles braços e aqueles dedos fariam inveja à Carmen Miranda, num samba voluptuoso.



Exploração. Que diabo julgaria ele encontrar dentro da gaveta? Ele lá sonhou com qualquer coisa... como todos nós temos sonhado com coisas que nunca encontramos.

HISTÓRIA DE UM PEQUERUCHO

AS gravuras são suficientemente eloquentes. Não acham? Em cada qual há um mundo — o mundo de cada um de nós, pobres diabos deste mundo. Neste pequenino, que o reporter teve a paciência de fotografar na evolução de um ano, existem todas as virtudes do homem — ou quase todas. Pelo menos, aquelas que podem conduzir às grandes coisas. Mas também — não o podemos negar — aquelas que podem conduzir ao pior, quando a criança, feita homem, tem forçosamente de reagir perante a vida.

Sim, porque naquela gaveta que a criança, nos biquitos dos pés, abre para encontrar um sonho, contém, às vezes, o veneno de toda a existência... até porque pode acontecer que esteja vazia...

Nós queremos acreditar, ainda, que a criança é instintivamente boa, para que possa existir ainda alguma confiança nos destinos do homem. Porque nem sempre as gavetas hão-de estar vazias...

Reparem bem nestas imagens e

digam-nos se elas são ou não das atitudes comuns a todos nós, quando os anos passarem. E essas atitudes, que podiam conduzir ao homem generoso, ao homem bom, ao homem amigo do seu semelhante — quantas vezes conduzem aos maiores dramas da história com a desculpa no passado e nos males da hereditariedade!

Se esses males fossem eternos e incuráveis, que havia de ser da pobre gente deste mundo?

Não, não vale a pena dizer coisa alguma, perante imagens que dizem muito mais do que graves raciocínios de todos os pedagogos e psicólogos. Que, no fundo, eles, como nós, não percebem nada dessa massa maravilhosa de que as crianças são feitas. Porque se percebessem...

E quem sabe se não perceberão e não é, propositadamente, que deixam sempre vazia essa gaveta que o garotito, com um esforço enorme, nos biquitos dos pés, pretende abrir para encontrar todas as coisas lindas dos seus sonhos?



Sensibilidade. Já tem um ano. E o perfume da rosa não lhe é indiferente. Vejam como aspira a sublimação das pétalas de veludo.



Coragem. Não! Não consentiu que o papá lhe desse a mão. Já está um homenzinho e há-de subir a escada sem auxílio.



Independência. Claro! Como já conseguiu subir a escada, entende que será capaz, também, de calçar a meia. Duvidamos...



Curiosidade. Bem... bem!... Apanhou a porta aberta e entrou. E, agora, também quiz ver para que seria aquilo...



Um elegante vestido de noite, de linha moderníssima

Quer viver cem anos?

É simples.
Basta seguir estes conselhos.

- Dormir oito horas.
- Não ter animais em casa, porque podem acarretar doenças.
- Não conviver com pessoas nervosas.
- Comer pouca ou quase nenhuma carne.
- Dormir do lado direito.
- Em adulto, evitar o leite.
- Tomar banho, todos os dias, ao levantar, à temperatura do corpo.
- Dormir com a janela aberta.
- Ao erguer da cama, pôr os pés em tapete.
- Evitar tôdas as intoxicações.
- Afastar a cama da parede.
- Fazer ginástica, todas as manhãs, ao ar livre.
- Viver muito tempo no campo.
- Mudar de ocupação, com frequência.
- Comer fruta.
- Ter férias de poucos dias nas a miúdo.
- Deitar fora as preocupações.
- Limitar a ambição.

PAGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Um tecido de padrão geométrico, com um corte também geométrico

Vé como é tudo quanto há de mais simples, como lhe dizia há pouco?

Vamos: em marcha para os cem anos!

Peles de bichos

Se eu vir um rato no chão, desato aos gritos e trepo para uma cadeira a daí para a mesa mais próxima...

Mas gosto imenso dos meus casacos de peles.

E quem me dera ter um de rat musqué!

E a maravilha de hoje e de tal forma o tratam na América que parece mesmo um vison, um mink!

Mas há outras peles que continuam na berlinda: astracá, marta, lontra, castor, foca, leopardo, caracut, petit-gris, agneau rasé...

Um casaco de lontra marca e dura imenso: o pêlo é curto, tão aveludado e de um colorido tão quente que põe em destaque a beleza do rosto que faz realçar.

A foca doirada é bonita, mas o coelho faz-lhe tal concorrência que é desesperante. Castanho fica bem às loiras.

E temos o castor, que é uma beleza. O castor da baía de Hudson, das Rocheuses, do gólo do México — que maravilha... e que tentação!...

Pormenores

As lantejoilas e os bordados de passamanaria triunfam em tôdas as colecções. Algumas vezes, os últimos chegam a substituir as peles.

Aplicam-se barras de crepette em vestidos e casacos de lã. E de veludo.

Para tarde, apareceu um casaco de fazenda preta com tu-fadas mangas de glacé. Na frente, colete de lontra.

Muitos cintos sobre as canadianas forradas de pele. Não tem pele no sítio onde o cinto assenta, para encher meno-

**MEIAS
AMERICANAS**

NYLON-DUPONT

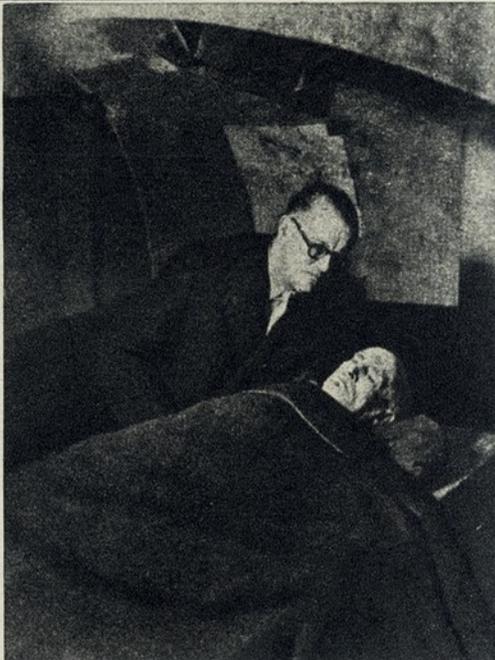
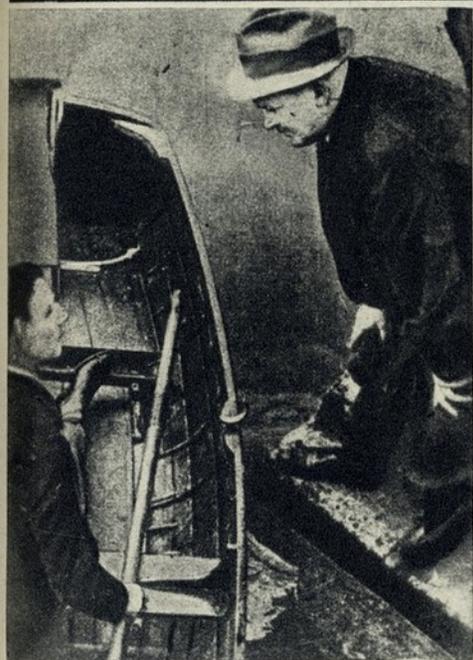
A AUTENTICA
MEIA DE VIDRO

TODOS OS TAMANHOS
ACABA DE RECEBER A

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158

UM CRIME A BORDO



O *Penople* rebentara as amarras e depois de errar, durante horas, embatera fortemente contra os rochedos. Os guindastes retorcidos e o cais meio despedaçado testemunhavam bem a violência da tempestade que no véspera, à noite, assolara o Canal. Uma hora depois, o inspector Cobbe chegou à ponte e tomou um escaler, em direcção ao *Penople*.

JÁ no convés, recebendo uma chave do 1.º imediato, Karl Keith, abriu a porta de um camarote. O capitão Carson jazia morto por um tiro de pistola. O inspector observou, cuidadosamente, a ferida e reparou que o cadáver apresentava manchas de óleo na roupa. De novo, o cobriu com o cobertor; pouco depois encontrava a arma escondida num armário da cabine do 2.º imediato Jason.



NA manhã seguinte, o inspector Cobbe interrogou, no seu gabinete, Karl, Irene Carson e Jason. Irene apontando Jason, acusou-o nestes termos: «Foi você que matou o meu pai. Sei que foi você. Ouvi ameaçá-lo de o abater a tiro quando ele o chamou insubordinado». Jason, olhando bem de frente para Irene, respondeu-lhe: «Confesso que o ameacei, mas nunca disparei uma arma contra qualquer pessoa».

Falou em seguida Karl: «Tropecei no cadáver de Carson, quando me dirigia para a ponte, pouco antes de ter rebentado a tempestade. Com um olhar certifiquei-me de que estava morto. Levei-o para aquela cabine, fechei a porta e guardei a chave. Desde então, ninguém mais lá entrou. Uma pista resolvera o problema. O assassino desmascarara-se.

QUEM MATOU O CAPITÃO GARSON?

(Ver a solução na página 30)

Um arrastão de Grimsby

(Continuação da página 12)

com parte de um dos lados aberta. O peixe estende-se no chão e faz-se a lota. A venda faz-se de manhã muito cedo e as manhãs de inverno nas docas de Grimsby não são coisa a que se afoite um fracalote.

Nem todo o peixe apanhado é encaixotado. Parte dele é limpo e arranjado com rapidez incrível por ranchos de alegres e sádias raparigas nos armazéns ao longo das docas. Parte do peixe, principalmente o gado, é defumado e constitui um prato predilecto no norte do país. Parte do peixe seca-se ao sol em grandes taboleiros, sobre cavaletes, nos subúrbios da cidade.

É brilhante o futuro da indústria da pesca em Grimsby. Estão em execução planos para o fornecimento de traineiras ainda melhores, queimando óleos pesados em vez de carvão e tendo porões forrados de vidro e instalação frigorífica a bordo. Quanto ao peixe, são dos poucos seres vivos que beneficiaram com a guerra. O descanso relativo que gozaram durante estes seis anos causou uma super-abundância de peixe nos campos de pesca e os arrastões trazem de lá carregamentos com que nunca sonharam antes do conflito. Quando todos os arrastões estiverem de novo ocupados nas suas tarefas do tempo de paz Grimsby conseguirá que o povo da Grã-Bretanha receba todo o peixe que pode consumir.

VIDA BOÉMIA

(Continuação da página 20)

arte, não se assemelha à dos outros que se deixam cair num monótono estatismo.

Contudo, os que erram pela vida, que percorrem todos os caminhos, também têm o seu mundo de aventura e de esperanças. E, tantos, são românticos e trazem consigo uma ambição de arte: são músicos revelam engenho histriónico. São a fascinação das crianças, e provocam admiração nos adultos.

Estão hoje aqui... Amanhã para onde partirão com o seu universo a segui-los: os bichos amestrados, as lonas pintadas, os seus fatos lantejoulados, os seus violinos já falhos de pureza e de sonoridade? Vão pelo mundo, sempre diverso e desconhecido. Levam consigo aquela porção de ansia inquietante que os faz errar, continuamente, por todas as latitudes. Mas guardam, igualmente, como todos os seres que sonham, o desejo inconsciente de ir mais além, de não parar.

São assim os homens que nós vemos nas praças públicas, ou em barracas de lona, oferecerem as suas artes. E alguns são artistas: «smorzam» nos seus violinos canções dolentes e distantes que nos fazem sonhar com países por onde andaram e que nós não conhecemos.

Depois partem pelo mundo Não param. E, sempre assim, viandantes incansáveis de todos os caminhos, não têm tempo para sentir saudades nem, tampouco, para sofrer as mesmas dores.

Marlice

PARIS

Pó d'arroz
Rouges
Crèmes de belera



CONCESSIONÁRIOS E DISTRIBUIDORES

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIAS, L.DA

ESCRITÓRIOS E DEPÓSITO — Rua Rodrigues Sampaio, 59 — LISBOA — Telefone 40880

AGÊNCIA NO PORTO — Rua de Entreparedes, 16, 2.º

NOITE SEM ESTRÉLAS

de Ferro Rodrigues

EM Edições Universo publicou o Sr. Ferro Rodrigues um tomo de contos de outras composições literárias que não podem ser justamente classificadas de sonetos.

O autor se bem que revele apreciáveis qualidades de contista, denuncia no seu livro certa imprecisão formal. Reconhece-se que o autor de «Noite sem estrélas» principia os seus passos na difícil arte de escrever.

Contudo, alguns contos dão-nos a suposição de que o seu autor pode vir a ser, no género, e em obras futuras, um prosador e fabulador perfeito.

Neste seu trabalho, quere-nos parecer, a diversidade de maneiras e temas literários prejudica a unidade do livro. O facto não será defeito, mas, sim, erro, certa pressa de publicidade e precipitação de mandar imprimir páginas que dão ao volume feição um tanto tumultuosa.

O que muitos autores novos julgam ser condenação é apenas, como no caso presente, desejo de esclarecer.

Se aqui lançássemos meia dúzia de adjectivos elogiosos sobre a obra que estamos a comentar, nem, decerto, o autor nos desculparia o modo exagerado do julgamento.

Pusto isto, desejamos tão somente que o autor de «Noite sem estrélas» continue com aquele entusiasmo que se nota na sua obra. A perfectibilidade em arte, quando se atinge, não é vi-tódica que possa conseguir-se nas primeiras tentativas literárias. E lembre-se o sr. Ferro Rodrigues que muitos vultos gloriosos da literatura nem sempre começaram por obras de génio.

E como estamos em maré de reparos não pudemos deixar de reconhecer que a capa de «Noites sem estrélas» é de um arrepiante mau gosto. A culpa, porém, deverá ser atribuída ao autor do desenho, que não ao escritor.

Um discurso de André de Resende

de Gabriel de Paiva Domingues

O grande humanista eborense é estudado e traduzido neste livro do sr. Gabriel de Paiva Domingues.

Neste trabalho pretende o autor esclarecer a figura de André de Resende como panegirista de uma personalidade régia que tem relêvo na história de Portugal.

A tradução do «Discurso», segundo declara o seu anotador «é quanto possível literal».

Trata-se de um trabalho copiosamente documentado que muito deve interessar aos estudiosos.

O livro justifica o desejo do autor na dedicatória estampada na portada, que reza assim: «Aos poucos mas cultíssimos humanistas de hoje, em Portugal».

O volume faz parte da Coleção «Universitas», da Coimbra Editora.

Uma conferência

JOÃO DE BARROS realizou há pouco, no Port., uma conferência versando o tema: «Cantores e intérpretes do povo português».

Ninguém melhor do que o grande poeta de Anteu sabia interpretar as figuras a que se referiu na sua lição. Escrevemos, propositadamente, lição, pois as conferências de João de Barros reflectem sempre o seu luminoso espirito de Mestre.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Confôrto...

TODOS sabemos que a situação do mundo, no que se refere ao problema alimentar, é trágica. Os indivíduos que não morreram na guerra morrerão, porventura, de fome.

Em face deste prometedor futuro há quem pense que a morte de muitos milhões de seres teria sido um sacrificio inútil. Em grande parte o bem estar do homem está na alimentação, dado que toda a gente luta pela cõisa a que tem direito. Depois, é que sonha. Mas o sonho é, às vezes, especialmente nos dias presentes, malquizeira irrisória. Visto que nós vivemos numa época em que as realidades se espõem ao devanilo, há apenas esta coisa positiva: — comer. Mas como não é possível satisfazer essa imposição orgânica, a humanidade continua esfomeada. Por isso o indivíduo, hoje, fantasia um prato de vianda com o mesmo anseio com que noutros tempos imaginava a felicidade que, aliás, foi coisa que nunca encontrou.

Pondo de parte estas amargas e pessimistas considerações teremos que dar razão ao dr. Pangloss. Nem tudo é desgraça e ainda se come muito por esse mundo fora. Davida? Leia os jornais e concordarão connosco. Não se faz festas, grave solenidade, reunião comemorativa, que não finde com um banquet-baltas-riano. Ora se a fome não é sentida por todos os mortais é porque «tout est pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles», como Voltaire sentenciou pela boca do seu filósofo deliciosamente optimista. E a radicar a verdade insustentável lembremo-nos de que existe uma minoria que ainda come — e bem.

Em louvor do Romancista

TERMINARAM há dias as várias comemorações alusivas ao centenário do grande romancista de «O. Mias». Alguns volumes de verdadeiro interesse se publicaram a tal propósito de mistura com muitos outros que em nada contribuíram para enaltecer a memória de Eça de Queirós. Todavia, todos podem emitir sentença crítica acerca do escritor, sem que do facto adviesse mal, ou mesmo bem, ao mundo das letras. Eça foi criticado sob todos os aspectos da sua vida de romancista e, também, de homem. Vários comentários serviram-se de ditos, de attitudes, de hábitos, de tudo, enfim, que se relacionava com a vida pública e até particular do homenageado.

Entretanto, é de justiça reconhecer que alguma coisa de valioso se publicou; e não vem aqui a ponto citar as poucas obras que merecem louvores. Mas como nem sempre há em trabalhos criticos uma noção séria de responsabilidade pelo que se escreve, succedeu que o escritor serviu de pre-texto a laboriosos escrevedores para à sombra do seu nome fazerem mercantilismo.

Silva Pinto, o amargo e honesto escritor de «Combates e criticas», se fosse vivo teria escrito a propósito das homenagens: «Arre, que é demais». Em alguns casos nem as particularidades íntimas da vida do escritor foram poupadas. Noutros, Eça foi o tema usado para que a seu respeito, duvidosos engraçados se entretivessem a esputar fatuidades e chucarrias. Isto no que se refere a uma parte dos escritos aparecidos.

E, porém, de justiça salientar algumas conferências realizadas durante as comemorações; e ficaríamos de mal connosco se não nos messemos as realidades na «Voz do Operário» por espiritos compreensivos do significado social da obra do escritor. Entre outras queremos salientar as effectuadas por Jaime Brasil, Julião Quintinho, Assis Esperança e mais escritores, naquella simpática Associação de trabalhadores; e ainda a de Leopoldo Nunes, no Centro Cultural Português. Pene foi que, segundo informam as g. zetas, as comemorações terminassem com um baile, assim à moda de apoteose teatral. Não fomos ao balharice; pois não somos desses, mas queremos supor que a dar ço, se Eça ainda existisse, dar-lhe-ia motivo para sobre ella escrever uma página viva de ironia.

Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico

do professor Armando Ribeiro

PORTUGAL, o Mediterrâneo e o Atlântico, do sr. Orlando Ribeiro, é um estudo geográfico no qual o seu autor expõe, desenvolvidamente, vários aspectos de geografia humana.

Não é apenas um livro para estudiosos e especializados, pois, pela sua clara exposição, a leitura de «Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico», prende a atenção de todos os interessados por obras elucidativas e esclarecedoras de assuntos que, parecendo, em principio, de difícil compreensão, são acessíveis a todos os leitores inteligentes.

Tudo o que está compreendido no mundo mediterrâneo: os seus elementos físicos e humanos, desde o seu clima até à fisionomia dos grupos étnicos que compõem essa parcela do globo, são tratados com proficiência e raro poder de observação.

O volume é ainda enriquecido com valiosos mapas orográficos, sobre a homogeneidade de determinadas zonas do nosso país, flora, etc. A edição de Coimbra Editora, pertence à Coleção «Universitas», e é, como, aliás, são outras publicações desta casa, graficamente cuidada.



Bois preparando a terra para as sementeiras

MASCARADAS DE ALDEIA

por B. L. COOMBES

ESTAVAMOS numa aldeia mineira do País de Gales. O dia estava lindo, o sol quente e o céu limpo depois de algumas semanas de chuva e de névoa. Aquele mudança de tempo alegrou-nos e deu-nos renovada animação pois era dia de mascarada e de concurso de bandas de «jazz». Esta espécie de concurso recomeçou desde que veio a paz e todas as aldeias mineiras do País de Gales efectuam-na de tempos a tempos, em dias marcados.

Mesmo durante as tardes de chuva se ouve o troar dos bombos pelos vales e pelas montanhas acima. Muita vez, depois de cair a noite, vi regressar as bandas dos seus ensaios, marchando hirtos os músicos, com passo levantado e braços a baloiçar em cadência. O porta-estandarte marchava soberbo, à frente o regente — a recordar o sargento instrutor do exército britânico — a deslocar-se, empertigado de um lado para o outro e para diante e para traz, à espreita de qualquer movimento ou passo desencontrado e verberando o delinquente em voz alta e enfática. A acompanhar a banda, aos lados e atrás, os membros da comissão executiva e uma chusma de amigos e admiradores.

A expectativa é grande

Há intensa expectativa durante a semana que precede o concurso e o troar dos bombos e as marchas continuam até quase a meia-noite. Tudo depende do tempo do grande dia. A serela da mina próxima que dava o sinal da largada do trabalho do turno parecia mais impaciente do que o costume e os homens apressavam-se a caminho de casa onde já reinava a confusão dos preparativos. As suas mulheres e filhas pareciam-lhes estranhas e quase desconhecidas vestidas de ciganas ou de vaqueiras americanas. Antes dos mineiros meio aturdidos terem tempo de acabar de comer tiravam-lhes da frente

O Mundo é também

(Continuação da página 16)

que exija cuidado. Tudo isto ajuda as raparigas a compreenderem que o mundo tem trabalho para elas.

Outro ramo de grande trabalho iniciado por John Groom, fundador do Asilo, é o orfanato para raparigas, de que publicamos algumas fotografias. Torneiro mecânico de profissão, John Groom dedicou os seus lazes à luta contra a miséria e a infelicidade. Nasceu em 1845 — há exactamente cem anos. No Asilo e no Orfanato o seu trabalho ainda vive.

os pratos e completavam-se os preparativos para a mascarada.

Muito antes das três horas da tarde, chegavam bandas das vizinhanças. Por todos os terrenos vagos viam-se filas de automóveis, de bicicletas e de motocicletas. Por cima da montanha, para acurtar caminho, vinham espectadores que procuravam bons lugares para ver o cortejo. Pontualmente, às três horas, a «Banda de Prata» dos mineiros, a um sinal do regente, tomou a dianteira do cortejo. Atraz dela vinha a «Banda dos Escarumbas», uns cinquenta homens de cara enfarruscada, de chapelinhos redondos e fatos brancos. A seguir vinham os «Gollivogs», vestidos como bonecos de fantasias, com enormes cabeleiras frizadas, grandes colarinhos brancos a acentuar as suas caras também enfarruscadas. Vinham depois cinquenta pagens — uma banda composta de condutores e guarda-freios de omnibus — e atrás deles uma misturada atraente de cinquenta ciganos e ciganas de pele trigueira, sendo o aspecto dos homens muito diferente das caras pálidas dos mineiros. Finalmente vieram os «Caballeros» sul-americanos, com os seus grandes chapéus de abas largas e calças à boca de sino. Todos marchavam com precisão exacta e mecânica.

No campo onde se fazia o concurso efectuavam-se as marchas e as manobras conforme as instruções de um plano pre-estabelecido. O juri observava todos os pormenores e no final deu os prémios. A receita da bilheteira destas mascaradas e concursos vai para um fundo para comprar presentes para os desmobilizados dos serviços armados que regressam à aldeia ou para dar concertos e presentes aos que vêm de licença. Além das bandas há algumas pessoas que se mascaram, personificando alguma personagem conhecida — talvez Carmen Miranda, a estrela de cinema brasileira, ou, a cavalo, um «Itador de estrada do século XVIII, que recolhe» donativos para o fundo.

Há também bandas de fantasia. Estas não têm a precisão hirta das bandas de jazz e o seu papel é habitualmente o de divertir. O regente de uma delas era «um mestre escola» de aspecto cómico que vinha seguido de um bando de homens vestidos de garotos de escola. Cometiavam mil diabruras, exactamente como crianças, metendo-se com as pessoas, brigando uns com os outros por causa de um jogo de berlines que recomeçava e era interrompido, continuamente. Havia também, a equipa cómica de futebol com os seus jogadores coxos. Vinham numa grande galera que os levava a um desafio imaginário. Cada

vez que se aproximavam de uma barraca de refrescos um deles dava um pontapé na bola naquela direcção e toda a equipa vinha a coxear atrás dela. O arbitro, de camisa de noite e com uma flauta a fazer de apito, dava continuamente notas tristes a chamá-los para fora da barraca afim de recomeçarem o jogo.

Havia também a Banda dos Canibais. O regente era um mineiro enorme e muito panduro que só trazia uma tanga e tinha o corpo todo tingido de castanho escuro. O bando ululante que o seguia, vestido e tingido de maneira semelhante, estava armado de azagaias e facalhões de madeira com que de vez em quando se decidia a dar caça aos espectadores, causando grande confusão e guincharia. Traziam um prisioneiro, vestido com um fato branco sujo e seguido de quatro «canibais» espadados que traziam um panelão enorme. O chefe dos canibais

desatava de vez em quando a soltar altos brados e a dançar enquanto os outros esfregavam a barriga e lambiam os beiços. E toda a gente se divertia com gosto.

Terminados os aplausos aos vencedores começava uma noite alegre de dança. A «Banda de Prata» tocava e à luz de muitas lampadas electricas os vários trajos rodopiavam e mesclavam-se numa confusão colorida.

VIGOR
DA
MOCIDADE



O baseball é um dos desportos mais populares na Inglaterra. A mocidade pratica-o com entusiasmo e cada qual pretende ser um grande campeão. Talvez este rapaz, que já revela, na magnífica atitude, excepcionais qualidades venha a ser um futuro ás

SEJA PRÁTICO
E ECONÓMICO

viãje na **C. P.**

VENCERAM AMBOS!

(Continuação da página 10)

«pesquisador» de jogo para a linha de frente, jogou em todo o terreno, sem um sinal de fadiga, sem uma renúncia. Foi o jogador mais activo do ataque; Dougall, mais integrado na linha, não destoou, é claro.

O «onze» R. A. F. não tem elementos fracos ou de menor valor. Os dois volantes, Soo e Paterson, possuem o segredo da colocação no terreno. Desarmam bem o adversário e, quando ficam com a bola, defendem-na com o corpo, interpondo-o com ciência. Boa corrida, reposição rápida na defesa e um despacho muito firme.

Do trio defensivo impressionou-nos melhor Baxter, um dos dois componentes da equipa da R. A. F. que não são internacionais. Nas intervenções de último recurso, junto da baliza, segurissimo. Fulminante a entrar e no despacho fácil, Scott, mais possante, mais duro, mas não mais jogador. Williams tem categoria condizente. Notámos como se preocupou em se colocar, para receber os remates. É muito difícil apontar este ou aquele jogador entre os onze que formam o poderoso grupo da aviação britânica, como mais fraco, menos eficaz ou menos sabedor. É uma equipa de mestres. Matthews, Barker, Brown, Smith e Patterson podem ter-se salientado desta vez, que isso sucederá aos restantes noutras ocasiões, com excepção do primeiro, que realmente tem classe aparte. Podemos ter maior fogueira, uma «association» mais emotivo por mais dramatizado de arancos, de esforços pessoais, mais de harmonia com a alma latina, amante dos impulsos heroicos e das arremetidas esforçadas; mas este «association» da pátria do futebol faz vibrar pela sua feição científica, pela sua intelectualidade e pela insuperável pericia dos seus executantes, despertando um forte sentimento de admiração.

A organização do «Século» se ficou devendo, pois, um grande serviço ao desporto nacional.

GIGANTE DO AR



As nações em Londres

(Continuação da página 8)

mente se verifica em alguns pequenos países da Europa e do Médio Oriente e haviam sido provocados pela presença de forças militares estrangeiras no território desses países, no primeiro caso forças russas, no último forças anglo-francesas e nos dois restantes forças britânicas. Eram portanto, todos eles uma consequência imediata e directa do conforto que há pouco terminou destinados a desaparecer no dia em que tiverem desaparecido as últimas recordações de guerra.

A discussão travada à sua volta foi for viva e por vezes mesmo ardente. Directamente envolvida nessa discussão a Grã-Bretanha conseguiu que ela se encaminhasse no sentido que o chefe da sua delegação, sr. Bevin, desde a primeira hora advogou, o sentido

Este é o famoso Avro Tudor II, um dos mais gigantescos quadrimotores que a Grã Bretanha está a construir para os seus linhas aéreas. As suas características ainda constituem segredo, mas dentro em pouco se saberá das suas extraordinárias qualidades técnicas

duma exposição pública dos fundamentos e das razões que justificavam a presença de forças britânicas em território estrangeiro. Sempre que isso aconteceu foi possível verificar que o seu procedimento não representava qualquer ameaça para a paz.

Este resultado é centamente lisonjeiro. Mas mais de que o resultado conseguido oculta na primeira reunião da Assembleia da O. N. U. o método que foi empregado para o alcançar. Esse método, de negociação franca e clara, discussão exaustiva e pública das questões de perturbam a atmosfera internacional, é o único que pode criar a amizade e estabelecer um espírito de sincera colaboração entre os povos. Qualquer outro leva apenas ao equívoco, à desconfiança recíproca e às acusações infundamentadas e representa um perigo tão real para a paz como os armamentos excessivos.

NOVO MÉDICO



Dr. José de Silva Freire Amaro Pereira

Completo, com distinção, o curso de Medicina, na Escola Médica de Lisboa, o sr. dr. José da Silva Freire Amaro Pereira que se matriculou, agora, na Escola de Medicina Tropical, cuja especialidade espera concluir brevemente. O novo médico já exerce clínica tendo conquistado, rapidamente, muitas simpatias pelo seu saber e dedicação.

TERRA SAGRADA

(Continuação da página 18)

deixou vincados os joelhos nesta pedra extremamente avermelhada que ficou ferida de súplia e de adoração.

Estão gastos os caminhos e há coisas novas que a civilização criou, mas os documentos fundamentais da tragédia divina permanecem, vivos e irrefragáveis, numa expressão de inenarrável angústia. São os monumentos, os templos, os tabernáculos, e até as próprias ruínas!

(Continua na página seguinte)

PEBECO

o dentífrico serio



Pebeco proporciona:
gengivas fortes
dentes brancos
halito puro
boca sã



TERRA SAGRADA

(Continuação da pág. anterior)

Jerusalem, branca e luminosa que foi caminho de martírio; o gólgota, no qual ainda se julgava sombra deixada pela cruz; o sepulcro, onde o divino corpo repousou, agora o maior altar do mundo, coberto de rosas, de orações e de chamadas suplicantes!...

E, quando à noite o céu se cobre de estrelas, dir-se-ia que uma se desprende das alturas, iluminando os lugares eleitos, como um sinal de sublime presença. Ele ressuscitou, não está ali! Se acolá foi o bérço, o mundo é bem pequeno para contêr a sua Verdade!

Definições

Admiração — o nosso reverente reconhecimento de que alguém se parece conosco.

Orçamento — um método de nos preocuparmos antes e depois de gastar o dinheiro.

Oratória — a arte de produzir sons profundos, saídos do peito, que significam importantes mensagens do cérebro.

Pontualidade — a arte de calcular o atraso com que chegam as outras pessoas.

Army Digest

SABE-ME
BEM A
COMIDA!



Desapareceu
o excesso
de acidez

Uma digestão normal, sã e bom apetite, estão ao seu alcance se puzer termo às suas perturbações digestivas com Magnésia Bisurada. Flatulência, ardores e dispépia, eis os sintomas da hiperacidez. Neutralizando-a, desaparecem as perturbações e o estômago passa a andar bem. Basta uma colherzinha de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos.

DIGESTÃO ASSEGURADA

com

MAGNÉSIA

BISURADA

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

CIENCIA PARA AS DONAS DE CASA



Discussões e danças

O grupo para discussões reúne-se todos os domingos. Trata de assuntos gerais e até os membros mais envergonhados são incitados a expressarem as suas opiniões. Normalmente aos sábados à noite, realiza-se um baile. Há noites especiais para jogar o xadrês e as cartas. Todas as segundas-feiras, há uma reunião do grupo de «Economias» para ensinar aos membros a poupar com regularidade.

Outras actividades alargam a maneira de pensar dos sócios. De tempos a tempos assistem a espectáculos teatrais, um capítulo sempre popular dentro do programa dos estudos. Aos domingos, organizam-se passeios a pé e durante o verão passado, alguns dos membros acamparam durante tres dias numa das ilhas do Tamisa.

Eis apenas um exemplo da obra dos centros comunais da Grã-Bretanha. É coisa assente que irão desempenhar um papel cada vez maior na vida social das populações do futuro.

Aqui tem, leitora, um maquinismo que lhe convém. Dispensa muitos dissabores mas... gasta muita electricidade e a electricidade não está muito barata. Em todo o caso, talvez valha a pena. Lava a roupa em escassos minutos. Deita-se lá para dentro, pela «vigia», espera-se um tempo mínimo, e tira-se de lá lavada e sequinha que é um mimo.

Um diário bilingue para as Nações Unidas

Os londrinos podem agora ler um novo diário bilingue — o jornal da Assembleia das Nações Unidas — que antes de 1 de Janeiro era o jornal da Comissão Preparatória.

Este diário de colunas duplas e de oito páginas, publicado em inglês numa das colunas e em francês na outra, é impresso, por conta das Nações Unidas, pela Imprensa Nacional Britânica (His Majesty's Stationery Office), casa editora do Governo Britânico. Reservam-se 1.200 exemplares para circulação interna entre os membros das delegações e podem comprar-se outros

exemplares na loja da Stationery Office, ao preço de 6 dinheiros (2\$50).

O diário contém a transcrição integral dos discursos principais, relatos sumários das reuniões das comissões e informações relativas à organização, de interesse especial para os delegados. O redactor principal do jornal é o sr. Delavenay, que foi dispensado temporariamente do seu posto de redactor principal da «France», um semanário francês publicado em Londres. O sr. Delavenay foi anteriormente sub-director da secção da B. B. C. que tinha a seu cargo a investigação da escuta na Europa ocupada. O pessoal compreende quatro redactores, dois ingleses e dois franceses.

Mais um segredo de guerra

A pouco e pouco vão-se conhecendo os bem guardados segredos de guerra da Grã-Bretanha. O sistema telefónico federal, por exemplo, conhecido apenas dos membros do governo e de alguns altos funcionários, acaba de ser descrito.

A Central Telefónica Federal, destinava-se a garantir comunicações telefónicas entre as repartições governamentais essenciais no caso da rede telefónica normal ficar destruída ou avariada. A sua central subterrânea foi construída debaixo do local do palácio histórico de Whitehall e solidamente protegida com cimento armado reforçado.

Foi traçada, construída e apetrechada completamente em 18 meses. Normalmente, levaria dois a três anos a construir uma central do mesmo tamanho. Durante toda a guerra esteve pronta a funcionar.

A Central Telefónica Federal nunca foi avariada por ataques aéreos mas foi seriamente ameaçada uma vez pelo velho inimigo, o Tamisa. Houve perigo de uma maré extrordinariamente alta transbordar no Embankment que lhe fica próximo e se isto tivesse acontecido a central teria ficado inundada.

A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

De acordo com as declarações de Karl, ninguém mais entrou na cabina desde que ele fechou a porta, pouco antes de rebentar a tempestade. Tendo o inspector Cobbe encontrado o cadáver deitado sobre a mesa, imediatamente concluiu que Karl mentira. Com uma tempestade tão severa, que torcera guindastes e despedaçara a ponte, o cadáver teria rolado da mesa, muito antes de o bom tempo ter voltado.

Mais tarde, confessou que fora o autor do crime. Há muito que ele pretendia a mão de Irene ao que o pai se opunha terminantemente. Aproveitando o discussão entre o capitão Carson e o 2º imediato, disparou sobre o primeiro, escondendo a arma na cabina de Jason, com intenção de o comprometer.

A B. B. C.

FALA E O MUNDO ACREDITA

Todos os dias, excepto aos sábados e domingos, a B. B. C. transmite um programa intitulado "Front Line Family", que relata as aventuras de uma família típica de Londres (os Robinsons), durante e depois da guerra.

Nas fotografias vêem-se as personagens que representam a já tão conhecida família.



Mrs. Robinson, interpretada por Nell Ballantyne



Dick Robinson (Peter de Greeff) e sua mulher, Connie (Joy Shelton)



Mr. e Mrs. Robinson



Da esquerda para a direita: Mary (Dulcie Gray) Andy (Tony Halfpenny) Mrs. Robinson (Nell Ballantyne) Mr. Robinson (Ernest Butcher) e Kay (Nancy Nevinson). Sentados: Bill John MacLaren, um soldado canadiano e Dick (Paul Martin)

UMA MANHÃ EM LONDRES



**MUNDO
GRÁFICO**